



A Missão Abreviada do Padre Couto (1859) nas tramas do Juazeiro encantado.

Roberto Viana de Oliveira Filho¹

Recebido em: 27/03/2019

Aprovado em: 11/06/2019

RESUMO

O artigo tem a intenção de compartilhar uma análise sobre a circulação e as leituras da obra “Missão Abreviada” (Portugal, 1859) na cidade de Juazeiro do Norte, interior do Ceará, e refletir sobre como as interpretações feitas a partir desse breviário relacionam-se com as “tramas do sagrado” que envolvem a história desse município. Para tanto, tomamos como fonte principal as narrativas apresentadas por membros da irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos cujo fundamento doutrinário ancora-se tanto nos ensinamentos contidos na Missão Abreviada quanto na experiência católica leiga em Juazeiro do Norte. Tencionou-se também nesse artigo evidenciar os “fragmentos de passado” que constituem uma imbricada relação entre as temporalidades de publicação da obra e os leitores que as interpretaram. A partir desse entrecruzamento de informações torna-se possível perceber como a dimensão da história do livro, dos leitores e das formas de ler e ouvir podem contribuir para uma interpretação histórica que revele as tramas cotidianas e seu envolvimento com as grandes estruturas de poder.

Palavras-chave: Missão Abreviada. Juazeiro do Norte. História do livro

The Abbreviated Mission of Father Couto (1859) in the plots of enchanted Juazeiro

ABSTRACT

The article intends to analyse of the circulation and reading of "Abbreviated Mission" (Portugal, 1859) in Juazeiro do Norte, Ceará, and reflect on how this breviary interpretations is related to the "plots of the sacred" that surround this city's history. We will take as main source, the narratives presented by the Public Pilgrims Penitents, members of a brotherhood, whose doctrinal foundation is anchored in both the Abbreviated Mission teachings as well as the lay Catholic experience in . We also intend in this article to highlight the "fragments of the past" that constitute an imbricated relation between this publication temporalities and the readers who interpreted them. From this comparison, it becomes possible to see how this book's history, the readers of it, and the listening and reading dimensions can contribute to a historical interpretation that reveals the everyday plots and their involvement in the great power structures.

Keywords: Missão Abreviada. Juazeiro do Norte. History of the book.

¹ Doutorando em História Social pelo Programa de pós-graduação em História da UFC, Mestre em Cultura, Poder e Identidade pelo PPGH, UFCG. Professor substituto da Universidade Regional do Cariri, URCA. Bolsista CAPES. E-mail: robertovianahistoria@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5746682686852335>.



1 PREÂMBULO: FRAGMENTOS DE PASSADO

Essa história começa ao rés do chão, com passos. São eles o número, mas um número que não constitui uma série. Não se pode contá-lo, porque cada uma de suas unidades é algo qualitativo: um estilo de apreensão tátil de apropriação cinésica. Sua agitação é um inumerável de singularidades. Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares (CERTEAU, 2012, p. 163).

Cada caminhante que transita pelas ruas da cidade moderna é invadido por uma rede de sensibilidades que formam os lugares, criam mundos e viajam por temporalidades. Os trajetos são complementados por cheiros, imagens e gostos, verdadeiras matérias-primas para a construção de uma prática sensível do caminhar.

Evoco esse fazer cotidiano, pois através dele tive contato com diversos “fragmentos de passado”: um prédio que lembra a infância, o cheiro de uma comida no mercado central, o calor das velas e o canto profundo em uma igreja antiga. É praticável escrever uma história a partir desses vestígios? É possível percorrer essas pegadas de sensibilidade?

A escrita que conjugo aqui, tenta examinar os “fragmentos de passado” que me foram apresentados por leitores e ouvintes de um livro: A “Missão Abreviada”; obra publicada em Portugal no ano de 1859, pelo padre Manoel José Gonçalves Couto e que ganhou uma notoriedade tanto no seu país de origem quanto “além-mar”.

A Missão Abreviada é “extraordinária ao mesmo tempo em si mesma e por seu destino” tal qual a *Legenda Áurea*² do medievo. Ao todo, foram publicadas dezesseis edições entre 1859 e 1904 com o acréscimo de dois *aditamentos* publicados em 1865 e 1881 respectivamente (CASTRO, 2002). Vários exemplares da Missão foram reproduzidos, inclusive no Brasil, de forma independente por fiéis ou grupos religiosos mesmo após o encerramento das publicações oficiais em Portugal.

É seguro afirmar que esse breviário circulou em vários movimentos religiosos em Portugal e no Brasil, tornando-se inclusive o “livro-guia” de muitos desses contextos na segunda metade do século XIX e século XX, a saber: as Santas Missões Populares (Portugal e Brasil), do movimento de Canudos (Antônio Conselheiro, Bahia), do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto (Beato José Lourenço, Crato, Ceará), das Casas de Caridade (Padre Ibiapina, Cariri cearense) e do movimento Pau de Colher (Beato Severino Tavares, Bahia, Pernambuco).

² Sobre a “Lenda Dourada” de Tiago de Varazze, ver: LE GOFF, Jacques. **Em busca do tempo sagrado: Tiago de Varazze e a Lenda Dourada**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.



Cada um dos movimentos citados encontrou poderosos entraves sociais, políticos, e, dentro da própria hierarquia da instituição católica para a sua continuidade no tempo. Entretanto, a *mentalidade* religiosa evocada nesses locais, ecoou de muitas formas na vivência cotidiana de católicos leigos em todo o país. Foi na tentativa de percorrer os vestígios deixados por essas pessoas e movimentos que me deparei com a Missão Abreviada em Juazeiro do Norte através das mãos dos Penitentes Peregrinos Públicos.

Em linhas gerais, esse grupo de penitentes tem como meta a redenção dos pecados e a salvação a partir da mendicância, peregrinação e privação dos bens materiais. Nas suas casas (pelo menos até o ano 2000) não existia água encanada, nem energia elétrica. Todos que adentrassem no grupo passavam por um ritual chamado de “Batismo da Cruz”, no qual eram queimados os seus documentos oficiais e “renasciam” com um novo nome para uma “nova vida”. Os homens passavam a ser conhecidos como José Aves de Jesus e as mulheres Maria Aves de Jesus. Segundo os membros dessa irmandade, todos os seus costumes e ritos foram herdados dos ensinamentos do padre Cícero Romão Batista³ e das “leis” contidas na “santa Missão Abreviada”.

Tomo como objetivo central desse texto, portanto, investigar a experiência de leitura da Missão Abreviada em Juazeiro do Norte a partir das narrativas dos Penitentes Peregrinos Públicos e a relação destes com uma *mentalidade* religiosa que parece não obedecer a dinâmica do tempo cronológico e serpenteia entre passado, presente e futuro.

É válido lembrar, portanto, que esses fragmentos de passado, essa “poeira” do tempo que se espalha sob os olhos do historiador só fazem sentido quando são traduzidos pela tinta da imaginação. É preciso uma boa dose de invenção, combinados com um rigor detetivesco, para reunir essas porções do tempo e construir uma narrativa verossímil, uma *historiografia*: “O historiador também só pode escrever conjugando, nessa prática, o ‘outro’ que o faz caminhar e o real que ele não representa senão por ficções. Ele é historiógrafo” (CERTEAU, 2015, p. 27).

³ Cícero Romão Batista nasceu em 24 de março de 1844 na cidade do Crato, filho de Joaquina Vicência Romana e Joaquim Romão Batista ambos cratenses. Tinha duas irmãs: Maria Angélica Romana e Angélica Vicência Romana. Seu pai faleceu em 1862, vitimado pela epidemia de cólera que assolou a região em meados do século XIX. Foi estudar no Seminário da Diocese cearense aonde se formou em novembro de 1870. Voltando a sua cidade natal, assumiu em 1872 a Capela de Nossa Senhora das Dores na povoação do Juazeiro, onde mais tarde aconteceria o primeiro milagre da hóstia vertendo sangue, ao ser comungada pela beata Maria de Araújo. (Cf. NOBRE, 2012, p.241)



2 A MISSÃO DO PADRE COUTO EM PORTUGAL E “ALÉM-MAR”

O ano é 1859, a freguesia de Telões, município de Vila Pouca de Aguiar, Portugal, será testemunha de um evento que transformará de forma profunda o cotidiano dos católicos neste país e “além-mar”: a publicação da primeira edição do breviário “Missão Abreviada: para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar os frutos das Missões”. O seu autor, padre Manoel José Gonçalves Couto, concebeu uma publicação que se difundiria rapidamente entre os sacerdotes e católicos leigos do seu país, servindo como livro-guia para muitos movimentos e comunidades religiosas.

A obra foi usada especialmente nas *Missões populares*⁴ em Portugal, onde ficou conhecida como a *bíblia das aldeias*. De forma resumida, essas Missões compunham uma “pastoral extraordinária na prática da Igreja, que se distingue da prática ordinária, a paroquial”. Eram realizadas por um período de tempo determinado, no máximo duas semanas, em que os fiéis participavam de instruções, sermões e confissões. Essas práticas visavam, desde sua formação inicial no séc. XVI, “preservar os católicos da heresia, reforçar a sua fé e renovar a sua prática cristã” (CASTRO, 2002, p. 72).

Tomando alguns indícios apontados pelo teólogo Osório de Castro (2002), a leitura da própria Missão Abreviada e as narrativas de devotos, que a usam na contemporaneidade, é possível perceber traços estruturais das leituras desse breviário em Portugal que reverberaram em suas apropriações na América.

O primeiro diz respeito à linguagem, isto é, a forma narrativa empregada pelo padre Couto. Alguns autores como o já citado Castro (2002), o também teólogo João Francisco de Marques (1999), a historiadora Edianne Nobre e o historiador Juciêdo Alexandre (2011) parecem concordar que a “experiência [do padre Couto] no contato real com as pessoas, vai impor-lhe uma forma de escrita simples, mas elegante, viva, direta, com exemplos de memorização fácil, com repetições” (CASTRO, 2002, p. 58).

⁴ A literatura acadêmica sobre as Santas Missões do séc. XIX são vastas tanto em Portugal quanto no Brasil, destaco os seguintes títulos que apresentam de forma sistemática e profunda suas principais questões. Portugal: CHÂTELLIER, Louis. **A religião dos pobres**: as missões rurais na Europa e a formação do Catolicismo moderno. Lisboa: Ed. Estampa, 1995; SANTOS, Eugênio dos. *Missões do interior em Portugal na Época moderna*: agentes, métodos, resultados. In: SILVA, Lemuel Rodrigues da. **O discurso religioso no processo migratório para o caldeirão do beato José Lourenço**. 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009; HOORNAERT, Eduardo. *Antônio Conselheiro, negociador do sagrado*. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Editora Universitária Ufpe, 2001. p. 39-77.



Essa forma de escrita reveste e impulsiona o principal desejo do autor: “emendar os pecadores”. O “espírito da conversão” é o principal guia de toda a obra. Na ocasião do lançamento da sétima edição do livro, em 1870, o padre Couto resolveu colocar na primeira página do breviário o seguinte texto dedicado “aos leitores”:

AOS LEITORES

A extracção de *cincoenta e seis mil* exemplares em tão pouco tempo; uma grande multidão de pecadores verdadeiramente convertidos e emendados; as muitas confissões geraes que se tem feito e se fazem por toda a parte, só por se ter lido ou ouvido ler este livro; tudo isso é uma prova clara e manifesta de sua utilidade para todas as pessoas. Ora como os inimigos da Religião espalham por toda a parte, e com maior atividade, os seus maus livros para assim destruírem o catholicismo, nós devemos fazer outro tanto em favor da Religião e da Igreja⁵ (COUTO, 1871, p. 5).

A organização da obra é composta por um conjunto de textos divididos com os títulos de “meditações”, “instruções” e relatos sobre a “vida dos santos”, cada um contribuindo de forma direta para alertar os pecadores sobre o mal que os cerca e que, possivelmente, os preenche internamente. Não bastava apenas ler ou ouvir o texto: o leitor precisava sentir, digerir o conteúdo, palpitar o coração, “emendar” o espírito.

Os *protocolos de leitura*, enquanto um fazer do autor/editor, se relacionam com uma *leitura absoluta*, prática (mística) do consumidor (leitor) (Cf. CHARTIER, 2014; CERTEAU, 2015). Mesmo tratando de uma prática de leitura que remonta ao século XVII, Michel de Certeau parece precisar uma função do livro que reveste também a Missão Abreviada:

O livro se substitui cada vez mais às instituições, tidas como decadentes ou corrompidas, ou a seus representantes oficiais, julgados incapazes, frequentemente pelo próprio fato de seu saber, de ouvir a questão que lhes é dirigida por “espirituais”. [...] Seus livros ocupam o lugar da voz autorizada que falta. [...] O livro toma o lugar da instituição que falta ou é decadente (CERTEAU, 2016, p. 206-207).

Essa reflexão elaborada por Certeau (2016) deságua na segunda questão que, penso, faz eco tanto em Portugal quanto no Brasil: trata-se de uma reflexão sobre a função dos leigos e o poder conferido (tomado?) a estes (por estes) durante o século XIX. Não é novidade que ao longo da experiência religiosa dos cristãos católicos os leigos desempenhassem atividades que são institucionalmente conferidas aos clérigos e demais membros da ortodoxia. Essa “autorização não confessada”, atravessa o cotidiano católico pelo menos desde o medievo. Entretanto, acontece algo realmente instigante no século XIX. A Igreja tenta, através de várias

⁵ A edição da Missão Abreviada que utilizo ao longo do texto é a oitava, publicada em 1871.



políticas internacionais, colocar em prática um projeto de *romanização* que, entre outras coisas, estava calcado na normatização dos “excessos” dos leigos, transferindo toda a autoridade para a mão dos clérigos.

É nesse contexto, e, para responder a esse interesse, que a Missão Abreviada foi redigida. Contudo, ao invés de legitimar esta prática romanizadora, a Missão autorizara de forma paradoxal uma atuação mais ampla dos leigos nas práticas litúrgicas e socialmente destinadas aos sacerdotes. Em uma “advertência da maior importância”, o padre Couto sugere o seguinte:

Em qualquer povoação deve haver um Missionário (deixem-me assim dizer); este deve ser um Sacerdote de bom exemplo, e na falta d’elle qualquer homem ou mulher que saiba lêr bem e de uma vida exemplar; e então com um destes livros deve fazer oração ao povo [...] (COUTO, 1871, p. 7).

Soma-se a essa “autorização não confessada” para a atuação dos leigos, a dificuldade da alocação de sacerdotes em espaços mais afastados das paróquias centrais. Essa reunião de fatores resultou em uma nova experiência de crer e ler que acabou materializando-se nas Missões em Portugal e no Brasil, reverberando e influenciando a formação de importantes tradições e movimentos religiosos. Penso, portanto, que a experiência de leitura da Missão Abreviada colaborou com a construção de novas sensibilidades religiosas entre os católicos portugueses e brasileiros no século XIX.

2.1 O “novo mundo” e a “santa Missão”

Cruzemos, finalmente, o Atlântico. É provável que os primeiros exemplares da Missão Abreviada tenham chegado ao Brasil através de duas frentes: 1) a atuação de ordens católicas nas “Santas Missões” do século XIX, em especial os Capuchinhos, e 2) através de um promissor comércio livreiro que trazia novidades das publicações portuguesas para o Brasil⁶.

Sobre a atuação das Santas Missões no Brasil, é importante destacar que elas obedeciam a mesma estrutura formadora de Portugal. Segundo o historiador Lemuel

⁶ Ver: ABREU, Márcia (Org). **Romances em movimento**: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2016;



Rodrigues da Silva⁷ estas “foram criadas no contexto histórico da romanização em que vivia a Igreja Católica e pretendiam, dentre os vários objetivos, transmitir a prática sacramental e fortalecer o vínculo entre os fiéis e a hierarquia eclesiástica” (SILVA, 2011, p. 41).

As tentativas de *romanização*⁸ das práticas católicas a partir das Santas Missões produziram aqui, um efeito ainda mais paradoxal do que aquele já apontado no contexto português. Além de promoverem uma atuação maior dos leigos, o modelo de religiosidade que foi vivido nessas experiências colaborou para a difusão de uma série de ideias que ajudariam a formar *movimentos socioreligiosos*⁹, especialmente no Nordeste brasileiro:

Os movimentos socioreligiosos do Nordeste brasileiro são as manifestações mais visíveis e impressionantes de um peculiar catolicismo popular: uma religiosidade penitencial e apocalíptica, uma “cultura do fim do mundo” difundida por predicadores errantes e praticada de forma autônoma, às vezes convivendo e às vezes conflitando com a Igreja oficial e seus ministros. Entre o início do século XIX e meados do XX essa religiosidade foi a linguagem pela qual certos grupos camponeses exprimiram sua vontade de destruir o mundo injusto e reconstruí-lo de uma outra maneira. A utopia social sertaneja projetava assim a transformação das relações de poder num futuro escatológico, mas ao mesmo tempo a efetivava na realidade cotidiana das “vilas santas”, onde a vida se definia pela fórmula do “somos todos irmãos” (POMPA, 2004, p. 71).

Considero que a leitura da Missão Abreviada foi fundante para este processo. Destaco duas interpretações que ajudam a sustentar essa hipótese. A primeira, diz respeito a questão editorial da Missão no Brasil: no final do século XIX, essa obra foi uma das mais vendidas no país. Um indício desse sucesso editorial pode ser observado no periódico “A Gazeta do Norte”, de Fortaleza, Ceará, edição de 8 de março de 1881, no qual foi publicado um levantamento da livraria “Joaquim José de Oliveira” informando os livros mais vendidos no ano anterior, 1880. A Missão Abreviada foi o segundo livro mais vendido com o total de 101 saídas.

⁷ Ver: SILVA, Lemuel Rodrigues da. **O discurso religioso no processo migratório para o caldeirão do beato José Lourenço**. 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

⁸ Para um aprofundamento sobre a noção de romanização, ver: SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. *Uma questão de revisão de conceitos: romanização - Ultramontanismo - Reforma*. **Temporalidades: Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG**, Minas Gerais, v. 2, n. 2, p.24-33, agosto/setembro 2010.

⁹ Ver.: “Leituras do ‘Fanatismo Religioso’ no Sertão Brasileiro”. **Novos Estudos Cebrap**, v. 69. São Paulo, 2004, pp. 71-88; POMPA, Cristina. *Memórias do fim do mundo: o movimento pau de colher*. **Revista Usp**, São Paulo, v. 5, n. 82, p.69-87, jun. 2009.

Figura 1: Excetos do Jornal “A Gazeta do Norte”.

| A estatística de venda que nos forneceu a casa de Joaquim José de Oliveira e Comp. ^ª , gradua o gosto cearense pela leitura. | |
|---|-----|
| Anno de 1880. | |
| Romanços de Escherich | 54 |
| " de P. du Terrail | 30 |
| " de P. de Kock | 30 |
| " de J. Verne | 26 |
| " de Zola | 10 |
| Fios sanctorum | 150 |
| Livros de braxa forense | 2 |
| | |
| Escudo admiravel | 91 |
| Historia de Carlos Magno | 30 |
| Bossuet | 1 |
| Balmés | 1 |
| Missão abreviada | 101 |
| Historia da Princesa Magalona, da The- reza Philosopha etc. | 83 |
| Spenser (por encommenda) | 1 |
| Livros em branco, papel, compendios, etc. completam a venda da casa. | |

Fonte: Fortaleza, Ceará. Edição 08 de março de 1881 (Hemeroteca da BND).

Em um mundo, aonde/no qual o letramento oficial era raro, esses dados são realmente impressionantes. A razão de tamanha popularidade não pode ser explicada através de uma fórmula simples. Além dos elementos estruturais da obra já citados (texto, divisão, edição), considero que a *performance*¹⁰ dos leitores foi fundamental para a popularização desse breviário:

Por isso, tratando-se da presença corporal do leitor de “literatura”, interrogo-me sobre o funcionamento, as modalidades e o efeito (em nível individual) das transmissões *orais* da poesia. Considero com efeito a voz, não somente nela mesma, mas (ainda mais) em sua qualidade de emanação do corpo que, em nível sonoro, o representa plenamente (ZUMTHOR, 2000, p. 31).

As *performances* interpretativas difundidas através da voz e dos corpos desses *líderes leitores* romperam os muros das Santas Missões e reverberaram para outros movimentos. O meu foco aqui não é, necessariamente, apontar para os usos e leituras da Missão em cada uma dessas experiências históricas. É, antes disso, apontar para a construção de uma *sensibilidade religiosa* que transpõe as categorias de erudito/popular e que se relaciona de forma paradoxal com a ortodoxia cristã, jogando com as categorias analíticas de presente, passado e futuro.

¹⁰ Aproximo-me aqui da concepção de *performance* de Paul Zumthor. Para maior aprofundamento, ver: ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 3. ed. São Paulo: Edusc, 2000.



Essa experiência de *longa duração* só se tornou perceptível para mim a partir do contato que tive com uma irmandade de penitentes em Juazeiro do Norte, interior do Ceará. Através das *performances* dos Penitentes Peregrinos Públicos pude enxergar, de forma mais precisa, as permanências e transformações dessa experiência religiosa no mundo contemporâneo. Parece-me que, sem perceber, ao tentar “emendar” o pecador, o padre Couto também emendou o tempo.

3 JUAZEIRO *ENCANTADO*, UMA “RAPA DO ANTIGO”

Dona Josefa: E eu conheço que não existe outra lei na face da terra a não ser essa. Nós sabemos que essa tem uma rapa do antigo! E a que tá havendo hoje é dos tempo moderno. É do moderno. Então nós não acompanha os tempo moderno.¹¹

Desde que encontrei pela primeira vez com os Penitentes Peregrinos Públicos em 2012¹², percebi algo recorrente em suas narrativas: a busca dessas pessoas em “reviver” no presente, uma “rapa do antigo”, ou seja, de fazer “renascer” através de suas práticas um modelo de religiosidade que eles acreditavam ter chegado quase ao fim, sobrevivendo apenas em alguns “fragmentos de passado”: livros, roupas, ritos, imagens e vozes que pareciam apontar para uma longa estrada que corta o tempo e se perde no espaço.

Quando Mestre José fundou essa irmandade na década de 1970, ele já havia garimpado uma série de livros antigos que, segundo ele, formariam a base ritualística desse grupo de penitentes, as chaves que abririam a porta para essa “rapa do antigo”. Entretanto, nenhum desses livros tinha maior destaque que a *Missão Abreviada*, este era tido como uma relíquia e só poderia ser manuseado por poucas pessoas:

A mística que envolve a *Missão Abreviada* pode ser aproximada de uma verdadeira devoção, pois envolve além do culto ao livro enquanto representação do sagrado, atitudes e ritos de veneração. Esta inter-relação promove uma negociação com o sagrado que reverte o objeto em *reliquia*, enquanto parte do sagrado. No imaginário dos Penitentes Peregrinos, encarna o próprio Deus objetivado. O livro nos foi mostrado, não sem antes termos sido advertidos que não poderíamos pegar ou tocar “na Santa Missão Abreviada”, só os devotos podem manusear o livro (CARVALHO, 2011, p. 71-72).

¹¹ Entrevista realizada com Dona Josefa no dia 07 de julho de 2015 no bairro Tiradentes, na casa de Dona Marinete. Dona Josefa foi uma das primeiras pessoas a ingressar na irmandade recém-criada por Mestre José na década de 1970. Ela foi responsável, inclusive, por trazer boa parte de sua família em Alagoas para a irmandade.

¹² Ver: OLIVEIRA FILHO, Roberto Viana de. **Passado perpétuo:** os penitentes peregrinos públicos e o catolicismo penitencial em Juazeiro do Norte, CE. (1970 – 2000). Dissertação (Mestrado em História). Campina Grande: UFCG, 2017.



De 1970 até o ano 2000, várias pessoas já haviam “morrido para o mundo” e ingressado na irmandade. A maioria dos membros do grupo de penitentes fixou residência na cidade de Juazeiro do Norte, em um conjunto de casas no bairro Tiradentes, um local afastado do centro da cidade e que, especialmente, na década de 1970, aproximava-se muito de uma comunidade rural.

A escolha desses locais para a construção de uma irmandade que tinha como objetivo central converter não apenas as pessoas, mas o próprio tempo, só poderia realizar-se completamente em um espaço “encantado”:

Dona Josefa: Aqui é encantado, criatura. Nós não sabe de todos os mistério daqui não. Eu mais ele ai ó, nós fomo pro Santo Sepulcro¹³, ai quando nós chegamo lá nós vimo a barquinha de Noé! Nós vimo! Nós vimo com esses dois olhos da gente! Quando a gente chegou lá, foi ele que me mostrou.¹⁴

Juazeiro do Norte se transfigura, nas vozes dessas pessoas, em um espaço encantado capaz de abarcar as mais fantásticas manifestações divinas e, sobretudo, torna-se espaço privilegiado para a consagração de um tempo novo, sagrado. Segundo os penitentes dessa irmandade o novo tempo seria regido pelas leis da “santa Missão” e do padre Cícero Romão Batista.

Após a morte do primeiro líder da irmandade no ano 2000¹⁵ o grupo passou por uma grande divisão: de um lado estava o penitente Manoel José Aves de Jesus, considerado por alguns como o “melhor discípulo de Mestre José”, e do outro lado estava João José Aves de Jesus, um penitente que nutria em seu interior um projeto revolucionário: reeditar, reimprimir e distribuir a Missão Abreviada para todas as pessoas objetivando que ela não ficasse apenas guardada como uma relíquia da mesma forma que acontecia no tempo de Mestre José.

Me atentarei aqui, especialmente, para as transformações operacionalizadas pelo penitente João José Aves de Jesus pois considero que sua iniciativa de reeditar, reimprimir e distribuir a Missão Abreviada na cidade de Juazeiro aponta para uma singularidade que se relaciona com a cultura do seu tempo e revela conexões com antigas mentalidades religiosas que insistem em permanecer na “cidade moderna”.

¹³ O Santo Sepulcro é o local onde foram enterrados alguns beatos e beatas dos tempos do padre Cícero.

¹⁴ Entrevista com Dona Josefa, *idem*.

¹⁵ Nesse ano o grupo ficou muito conhecido pois dizia-se que Mestre José havia profetizado o fim dos tempos para o ano 2000. Esse assunto é muito controverso dentro da irmandade, entretanto, ao longo do tempo criou-se um consenso de que o ano 2000 representava não o fim do mundo e da raça humana, mas o fim de uma nova era para o próprio grupo pois foi nesse ano que Mestre José faleceu.

3.1 A “nova” Missão Abreviada:

João José Aves de Jesus foi o primeiro penitente dessa irmandade com quem tive contato. Por três anos, durante o fim da graduação e início do mestrado, eu fiz visitas periódicas à casa desse senhor¹⁶. Na fachada de sua residência era possível ler em letras garrafais: *A casa da Missão é aqui. Faça seu pedido. Haja em cada família padres e missionários. De cidade a capital. Ide e ensinai a todas as criaturas. Machadinha de Noé. Penitente João José ‘Alves’ de Jesus*. Além desse aviso/convite existia um símbolo logo acima da frase: várias letras cercavam um livro dentro de uma forma triangular e lá estava eu, de pé, em frente à tão enigmática entrada.

Figura 2: Fachada da “Casa da Missão”.



Fonte: acervo pessoal do autor.

As surpresas não se concentravam apenas na fachada da casa. Ao entrar na *sala do santo*¹⁷, deparei-me com antigas imagens sacras, um candeeiro suspenso por um fio quase

¹⁶ As narrativas de João José, como será possível perceber, são repletas de metáforas e quase todas as perguntas que fiz foram respondidas com complexas narrativas cheias de referências e enigmas, o que dificultou o levantamento de dados mais técnicos como, por exemplo, o local onde viviam os demais remanescentes do grupo. Eu só consegui essa informação aos poucos, garimpando dados com vizinhos e demais pessoas do bairro.

¹⁷ Cômodo muito comum nas casas dos devotos em Juazeiro do Norte. É uma sala em que geralmente existe um oratório e imagens de vários santos. É nesse local onde são celebradas as *renovações do sagrado coração de Jesus* e as orações diárias. É uma espécie de espaço que instaura uma sacralidade dentro da residência.



imperceptível amarrado no telhado, bancos de madeira que lembravam assentos de uma igreja, uma escrivaninha, imagens antigas da penitência e, para minha surpresa, as imagens de D. Pedro I e D. Pedro II.

Antes que pudesse me sentar em um desses bancos, João José me recebia sempre com a saudação: “Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo” e, a partir daquele momento, iniciávamos uma longa conversa sobre sua vida, a penitência e, especialmente, o livro “A Missão Abreviada”. Segundo o penitente, a sua casa era o último refúgio onde se podia encontrar esse livro, seja em vida ou em “espírito”:

Roberto Viana: E o senhor aqui todos os dias recebe pessoas que queiram saber da Missão? Vem muita gente saber da Missão? Como é?

João José Aves de Jesus: Se não vem em corpo, vem em espírito. Aqui o que não vier em corpo vem em espírito. Aqui o que não vier em corpo vem em espírito.

Roberto Viana: Depois que morre vem para cá?

João José Aves de Jesus: Depois que morre vem.

Roberto Viana: É? Procurar a Missão?

João José Aves de Jesus: Procurar a Missão. Ela é uma fonte de água viva.

Roberto Viana: E é aqui “A casa da Missão”? Tem outro lugar no mundo?

João José Aves de Jesus: Não. É aqui ó. (mostrando uma foto dele segurando a Missão Abreviada)¹⁸.

A “Casa da Missão” materializa, de certa forma, o desejo do penitente pela “fundação de outro mundo”: um espaço capaz de abrigar as transformações que ele estava planejando para o grupo e, sobretudo, um espaço onde a “Missão Abreviada” fosse usada como um elemento central e fundador das regras morais a serem seguidas.

A “fonte de água viva” do penitente não poderia ficar guardada e esquecida. A principal questão que inquietava João José era com relação ao antigo culto à Missão Abreviada. Como vimos anteriormente, esse livro era considerado uma *reliquia* dentro do grupo e apenas alguns eleitos poderiam manusear a obra e interpretar suas escrituras. Esta regra inquietava João José sobremaneira. O incomodava o fato de todas as pessoas não terem acesso aquele livro que “era o mais importante escrito de todos os tempos”.

¹⁸ Entrevista do dia 19 de março de 2014.



Portanto, o plano do penitente era o seguinte: renovar, reimprimir e distribuir a Missão Abreviada para qualquer pessoa que quisesse adquirir o livro. Esse plano não mudaria apenas a relação das pessoas da própria comunidade com o livro, mas mudaria o próprio sentido da penitência dentro do grupo.

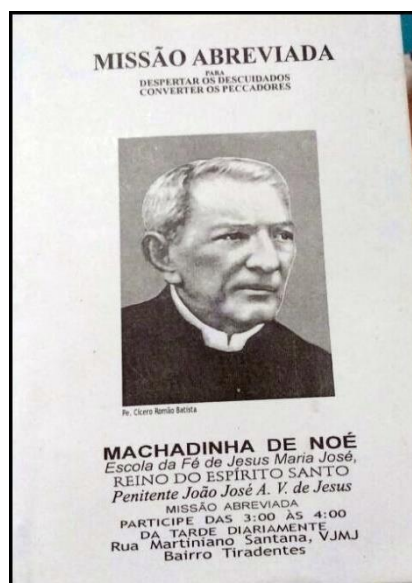
Para executar tal plano, João José deveria romper com uma das principais regras da irmandade: não negociar, não pegar em dinheiro, que não fosse de esmola. Ele teria que estabelecer uma relação com gráficas, com o comércio e com o dinheiro para que seu empreendimento renovador tivesse sucesso. Essa prática era inadmissível para Mestre José, e, também causava um severo conflito interno para o penitente. Mas sua vontade de mudança era maior:

João José Aves de Jesus: Você tá pensando que esse livrinho da “Missão” que você já tem ele, você tá pensando que aquele livrinho ali foi pra qualquer pessoa pegar ele e dizer: “ai esse livro está velho e eu vou renovar ele que eu vendo ele e ganho mais alguma coisa de bem da terra”? Assim a Missão nunca pode ser renovada, mas quando for pelos interesse espiritual, uma escolha de Deus, Nossa Senhora e meu padrinho Cícero, só obra de interesse aqui da terra de nada, e não de salvar a minha alma? Eu não tenho interesse nesse real aqui não meu filho. Meu interesse aqui é que Deus salve a minha alma, que pelo amor de Deus não deixe eu me perder. E eu ainda digo: meu pai se eu merecer essa salvação, meu pai, com esse pequeno merecimento que eu tiver de alcançar minha salvação meu pai, pois meu pai pegue esse merecimento pouquinho que eu tenho, reparta meu pai para meus irmãos, aqueles que eu nem conheço, nem sei se existem na face da terra, mas vós é quem sabe, é quem entrega, é quem conserva, é quem nasce, é quem cria, quem sustenta, então meu pai, vós é quem sabe, quantos tem, quantos merecem e quantos precisam. Meu pai, se eu merecer a salvação dê a meus irmãos meu pai. Dê a meus irmãos!

A “salvação” que o penitente suplica a Deus para dividir entre seus irmãos só poderia ser alcançada se todos tivessem acesso ao livro que contém as regras para obter os “prêmios eternos”. É possível observar ainda nessa fala que a utilização do dinheiro foi de certa forma ressignificado pelo penitente. Segundo sua explicação ele não utilizava o dinheiro para o proveito próprio, mas sim para “sustentar a missão”, mas esse argumento não foi forte o suficiente para convencer os demais membros do grupo. Ele foi, pouco a pouco, afastando-se da irmandade e organizando um “rebanho próprio”:

A ação reformadora de João José não se restringiu apenas à reimpressão do livro. O penitente reelaborou signos e ritos que acompanharam o seu projeto. Um exemplo marcante dessas transformações está na compreensão de que a Missão Abreviada estava intimamente ligada ao padre Cícero. O penitente chegava a afirmar que o livro havia sido escrito pelo sacerdote e que tinha sido através desse padre/santo/Deus que a Missão Abreviada havia surgido no Juazeiro.

Figura 3: Nova capa da “Missão Abreviada” elaborada por Joao José.



Fonte: acervo pessoal do autor.

Como é possível observar na figura acima, a nova capa da Missão Abreviada elaborada por João José tem como figura principal a imagem do padre Cícero que, além de ser o guia espiritual da comunidade, era também o autor dessa relíquia para o grupo, na interpretação de João José. Na cosmovisão do penitente, tudo o que o padre Cícero sofreu a suspensão das suas ordens sacerdotais e a perseguição religiosa que lhe foi infligida estavam intimamente ligadas ao fato do sacerdote ter colocado a Missão Abreviada como livro superior à Bíblia:

Roberto Viana: Por que Juazeiro? Por que a “Casa da Missão” é aqui em Juazeiro? O senhor me falou assim: “Se a pessoa não vier em corpo, vem em espírito depois” pra “Casa da Missão”. É só daqui que tá saindo a “Missão”, né? E por que é que é no Juazeiro? Tem alguma coisa especial?

(Durante esse “bombardeio” de perguntas o penitente respondia entre as interrogações: “É sim”, “Isso mesmo”, repetidas vezes)

João José Aves de Jesus: Você pergunta muito bem. Porque meu padrinho Cícero disse: “Quem me suspende de ordem hoje, meus amiguinhos, mais adiante vai trabalhar pela minha volta.” Entendeu? Por que suspenderam meu padrinho Cícero naquele tempo, você sabe me dizer isso?

Roberto Viana: Foi porque ele falou que o milagre da hóstia era verdade?

João José Aves de Jesus: Não. Suspenderam ele de ordem, por que eles encontraram toda a verdade de Jesus Cristo foi nele. Ai não quiseram dar o valor que ele tem e merece. E a Bíblia já vinha se aproximando para entrar dentro da Igreja pra botar a Missão pra fora! E eles queria que meu padrinho Cícero também



assinasse, pra tirar a Missão de toda a Igreja e ficar só a Bíblia deles! E meu padrinho Cícero não aceitou isso ai! Ele segurou a Missão na mão à custa de penas e mortes.¹⁹

O penitente construiu uma nova versão da história do padre Cícero, na qual o sacerdote é apresentado como o grande defensor da Missão Abreviada no momento em que, segundo ele, a Bíblia começou substituir a “Missão” dentro dos cultos. A crença do penitente se transformou em discurso e elaborou uma nova concepção de verdade para ele, e, para as pessoas que enxergam nele um guia espiritual. O que nos interessa aqui é a forma como a história é reconstruída para criar um espaço de significados que sintonizam as suas ações com as ações do ser espiritual que rege a vida desses devotos.

Tal como o padre Cícero de sua narrativa, João José teve que romper com as regras e imposições que lhe foram dadas para criar algo novo, e, que estivesse em harmonia com a tradição que ele aprofundou a partir do convívio com Mestre José, mas que já era vivida por ele em sua comunidade natal.

Para que esse novo ordenamento da crença lograsse êxito, o penitente investiu também na confecção de vários materiais gráficos que incluíam o convite para conhecer a Missão Abreviada em seu mais novo lar, “A casa da Missão”, a produção de cartões de visita, cartazes, manuais para celebrar renovação, livrinhos de rezas e novenas, porta-retratos, relógios de parede, enfim, uma complexa rede de divulgação que apontava o caminho para a “fonte de água viva”, o “primeiro livro do mundo”.

A trajetória mística do penitente João José é marcada por uma escolha fundante. Ele ressignifica uma regra chave da irmandade, “não pegar em dinheiro, nem comercializar”, para que a tradição do grupo fosse inserida no contexto da modernidade característica do *tempo presente* vivido por ele. Essa sua atitude, de certa forma, popularizou e tornou acessível a doutrina do grupo a um espectro maior de pessoas, mas conferiu a ele a marca da rejeição pelos antigos seguidores da penitência: “ele deixou de ser penitente e agora foi comercializar”, como afirma Dona Virgínia.

O esfacelamento da *comunidade* em pequenos núcleos com práticas muito mais individuais que coletivas estava começando a se tornar realidade. O penitente João José deu o primeiro passo. A exemplo desse senhor, outros seguidores e penitentes começaram a reelaborar antigas regras da irmandade para que as “ruínas” resultantes desse esfacelamento dessem lugar a novas práticas e ritos que, mesmo ganhando uma nova forma e acabamento,

¹⁹ Entrevista do dia 19 de março de 2014.



ainda guardassem fragmentos agora ordenados de uma forma que fosse mais atraente para os olhos imperiosos da modernidade.

4 CONCLUSÃO - “O PRIMEIRO LIVRO DO MUNDO”

Dentre as tantas informações e novidades que me eram apresentadas pelo penitente João José, uma questão permanecia enigmática e cercada de mistério: a relação da Missão Abreviada com a Bíblia dentro do grupo de penitentes. Era visível que esse senhor nutria uma rejeição pela Bíblia e pude perceber que esse mesmo sentimento se repetia nas narrativas de outros devotos, a exemplo de Dona Virgínia:

Dona Virgínia: A Bíblia é um livro que ensina muitas coisas. Tem muita parte da Missão nela. A Bíblia é nova. De mil e quinhentos pra cá. A Bíblia é de mil e quinhentos pra cá. A Missão é antiga. É do começo do mundo. Foi de São Pedro que fez a Missão. A Missão de Jesus Cristo. Foi o primeiro livro do mundo²⁰.

Na tentativa de coletar informações sobre esse e outros mistérios dentro do grupo, me deparei com um jovem penitente, Israel Aves de Jesus. Este penitente ingressou na irmandade aos quatorze anos quando o seu pai, Sr. Francisco, lhe apresentou ao penitente Manoel Aves de Jesus considerado por muitos como o “melhor aluno de Mestre José”, o primeiro líder.

A família do penitente Israel começou a adotar os costumes da antiga irmandade, entretanto, eles não se sentiam preparados para se consagrarem como penitentes, ou seja, “morrer completamente para o mundo” deixando o trabalho formal e todas as benesses da modernidade. Essas pessoas se autoproclamaram como *seguidores* da Missão: adotariam o rigor da vida pregada na Missão Abreviada sem, no entanto, se consagrarem penitentes. O “chamado” da penitência foi abraçado apenas pelo jovem Israel.

Após ingressar na irmandade, Israel deixou a escola e qualquer possibilidade de trabalho formal. Dedicou-se a “pedir uma esmola pelo amor de Deus” e a ler uma série de livros de filosofia e teologia que ele considerava importantes. Também destinou muito tempo para conversar “com os antigos” e aprender os “mistérios” da irmandade.

²⁰ Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2015 na calçada da casa de Dona Virgínia junto com outras seguidoras da irmandade.



Ao ser indagado sobre a relação do grupo com a Bíblia e a forma como ela aparece nos discursos dos penitentes mais antigos da irmandade, o penitente Israel me forneceu uma narrativa reveladora que, segundo ele, teria aprendido com os mais velhos da irmandade, especialmente com o penitente Manoel Aves de Jesus:

Israel Aves de Jesus: E ali quando Nosso Senhor entregou a Missão à São Pedro disse que ele fosse à Roma e edificasse a Santa Sé que aquele seria o trono dele na Terra. Nosso Senhor também encarregou São Pedro de escrever a Missão Abreviada. E na ocasião que São Pedro terminou a sua vida no apostolado, ele tinha terminado de escrever a primeira parte. Ai ele deixou para seu sucessor, conforme a tradução de meu padrinho Manoel e de Mestre José, que foi São Braz. Ai São Braz escreveu a segunda parte da Missão e foi e deixou para seu terceiro sucessor São Bento. Ai quando terminou-se a parte de São Bento que ele escreveu, veio Martinho Lutero que coube a ele a quarta parte da Missão pra ele escrever. Ele muito bem escreveu. Mas como ele queria que a humanidade não seguisse os caminhos de Deus, se desviasse dos caminhos de Deus, ele muito bem escreveu a Missão Abreviada, colocou em sua mão direita e disse: “Este livro que eu terminei de escrever é o complemento que me cabia que eu acabei de terminar. Esse livro leva para a direita. Para o caminho da salvação. Porém eu vou escrever outro que quando eu termina-lo vai ser o livro geral que vai ser espalhado por todo o mundo. E esse é que vai crescer e se multiplicar para cumprir a palavra que Deus disse na criação. Mas não na fê. Mas nas coisas materiais e bens desse mundo”. Ai ele escreveu a Bíblia ajudado de Zuínglio e de Melâncton. Assim conforme ainda o que eles falavam. Eu não compreendo como foi que eles encontraram esses nomes! E João Calvino também! Eles diziam que João Calvino também tinha ajudado. Pra finalizar, quando ele terminou de escrever a Bíblia, ele colocou a Bíblia na mão esquerda e disse: “esse daqui vai ser o livro que todo mundo vai aceitar. Esse aqui é o que vai crescer e multiplicar. Mas não para o Céu. Mas sim para as coisas desse mundo”. E daí daqueles tempos pra cá os penitentes dizem que a Bíblia começou a se proliferar. Ai também eles querem afirmar que a Igreja aceitou o uso da Bíblia e ficou assim, conivente, aceitando aquilo que estava lá escrito.”²¹

Considero essa narrativa importante para a compreensão da relação do grupo com a Bíblia e, por consequência, com a própria Igreja Católica. A história contada pelo jovem se relaciona com vários elementos das narrativas de dona Virgínia e do penitente João José. Quando dona Virgínia afirmava que “a Missão foi escrita por São Pedro” ou quando o penitente João José colocou que a “Missão foi dita por Jesus e escrita pelos apóstolos” eles estavam, possivelmente, fazendo referência a essa narrativa que os penitentes devem ter ouvido diversas vezes ser proferida pelo Mestre da irmandade.

O elemento mais instigante a ser revelado, contudo, diz respeito à escrita da “quarta parte da Missão” que teria sido encarregada, segundo a narrativa, ao “novo Papa da Igreja”, Martinho Lutero. Essa chave narrativa explica de forma mais clara a rejeição ao uso da Bíblia, pois, segundo a história apresentada, esse livro teria sido escrito por uma tentativa de Lutero,

²¹ Entrevista realizada no dia 08 de março de 2017.



que traiu a Igreja, de “crescer e multiplicar” uma crença que não ia levar à salvação da alma, mas apenas o crescimento dos bens materiais.

É interessante perceber também que a partir da década de 1970, segundo dados apresentados pela antropóloga Renata Marinho Paz²², existe um aumento exponencial do número de Igrejas Evangélicas a se fixarem no Brasil. Interpreto que o aumento do número dos “homens da bíblia”, como eram conhecidos os evangélicos, também contribuíram para a formação dessa narrativa que o penitente Israel apresentou. Observa-se ainda o fato dos antigos penitentes terem, segundo o penitente Israel, conhecimento de nomes como Zuínglio, Melâncton e João Calvino, três líderes da Reforma Protestante de diferentes lugares do mundo.

A memória organizada através da narrativa do penitente Israel ajuda a revelar o quão complexa é a dimensão que a Missão Abreviada ganhou na vida das pessoas dessa irmandade e da própria cidade de Juazeiro do Norte. As leituras, *performances* e tradições desenvolvidas a partir dessa obra constituem um enorme quebra-cabeça que tenho a impressão de sempre estar incompleto.

Um dos elementos mais importantes que as experiências de leitura da Missão Abreviada revelam é a possibilidade de construir uma narrativa historiográfica que não obedeça necessariamente ao tempo cronológico. As narrativas dos penitentes passeiam por passado, presente e futuro revelando o tempo da eternidade, do sagrado.

Os “fragmentos de passado” deixados pelos usos da Missão Abreviada constituem importantes pistas para o entendimento da difusão de um modo de crer que teima em sobreviver no mundo moderno se reinventando e organizando o mundo ao seu redor. Apesar do caráter fragmentário das fontes e do próprio recorte temporal e espacial, penso que os debates aqui apresentados ajudam a constituir se não um esboço, mas ao menos um convite para essa viagem de penitência, fé e encantamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia (Org). **Romances em movimento**: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2016.

²² Ver: PAZ, Renata Marinho; JERONIMO, Priscila Ribeiro. *Para além do catolicismo*: a presença evangélica em Juazeiro do Norte. **Anais dos Simpósios da ABHR**, Juiz de Fora, p.10-20, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/288>>. Acesso em: 09 mar. 2019



CASTRO, Alberto Osório de. **A "Missão Abreviada" do padre Manuel Couto: um abeiramento contextualizado.** Chaves, Portugal: Grupo Cultural Aquae Flaviae, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **A escrita da história.** 3 ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense, 2015.

_____. **A fábula mística: séculos XVI e XVII.** Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CHÂTELLIER, Louis. **A religião dos pobres: as missões rurais na Europa e a formação do catolicismo moderno.** Lisboa: Ed. Estampa, 1995

HOORNAERT, Eduardo. *Antônio Conselheiro, negociador do sagrado.* In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). **História das Religiões no Brasil.** Recife: Editora Universitária Ufpe, 2001. p. 39-77.

LE GOFF, Jacques. **Em busca do tempo sagrado: Tiago de Varazze e a Lenda Dourada.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

NOBRE, Edianne dos Santos. *Caminhos de santidade: as biografias espirituais das beatas de Ibiapina no jornal "A voz da Religião no Cariri" (1868 - 1870).* **Revista Nures**, São Paulo, n. 19, p.15-40, set. 2011.

NOBRE, Edianne dos Santos; ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. *"A missão abreviada: práticas e lugares do bem-morrer na literatura espiritual portuguesa da segunda metade do século XIX"*. **Revista Brasileira de História das Religiões.** ANPUH, Ano IV, n. 10, Maio 2011.

OLIVEIRA FILHO, Roberto Viana de. **Passado perpétuo: os Penitentes Peregrinos Públicos e o catolicismo penitencial em Juazeiro do Norte, CE. (1970 – 2000).** Dissertação (Mestrado em História). Campina Grande: UFCG, 2017.

PAZ, Renata Marinho; JERONIMO, Priscila Ribeiro. *Para além do catolicismo: a presença evangélica em Juazeiro do Norte.* **Anais dos Simpósios da ABHR**, Juíz de Fora, p. 10-20, mar. 2019. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/288>>. Acesso em: 09 mar. 2019

POMPA, Cristina. *"Leituras do 'Fanatismo Religioso' no Sertão Brasileiro"*. **Novos Estudos Cebrap**, v. 69. São Paulo, 2004, pp. 71-88.

_____. Cristina. *Memórias do fim do mundo: o movimento pau de colher.* **Revista Usp**, São Paulo, v. 5, n. 82, p. 69-87, jun. 2009.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. *Uma questão de revisão de conceitos: romanização - ultramontanismo - reforma.* **Temporalidades: Revista Discente do Programa de Pós-**



graduação em História da UFMG, Minas Gerais, v. 2, n. 2, p.24-33, agosto/setembro 2010.

SANTOS, Eugênio dos. *Missões do interior em Portugal na Época moderna: agentes, métodos, resultados*. In: **Arquipélago**. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1984.

SILVA, Lemuel Rodrigues da. **O discurso religioso no processo migratório para o caldeirão do beato José Lourenço**. 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 3. ed. São Paulo: Educ, 2000.